

O ROSTO DA MISERICÓRDIA

Misericordia vultus – S.S. Papa Francisco

Ir. Paulo Dullius

A misericórdia sempre será maior que qualquer pecado e ninguém poderá colocar limite ao amor de Deus que perdoa. (RM 3)

1. Palavras introdutórias

Estamos sendo convidados e estimulados a revisar nossa vida cristã e apresentarmos sempre mais objetivamente Deus, Jesus Cristo e a missão da Igreja e dos cristãos. Se Deus é amor, como nos foi ensinado, como aprendemos e como experimentamos no passado e no presente, não se pode mais aceitar compreensões e denominações de Deus decorrentes de experiências humanas, as quais incluem o amor e o desamor. É o desamor que leva a vinganças, a agressões, a isolamentos, a abandonos. E estas características muitas vezes foram aplicadas a Deus, sobretudo a partir do Antigo Testamento e por muito tempo na cultura e na Igreja até o presente momento. Ainda retomamos este tipo de conceitos sobre Deus na liturgia e em outros momentos. A teologia moral foi muitas vezes baseada no certo e no errado, atribuindo-se o merecimento de castigo ao errado. E houve grupos que se especializaram em estabelecer os erros e os correspondentes castigos, aplicando o princípio social da lei. O desenvolvimento da concepção de pecado foi praticamente identificado com erros decorrentes da limitação humana. Não se pode dizer que não haja pecado, mas esta é uma palavra do nível espiritual e religiosa e só se pode aplicar neste nível.

Falar da misericórdia nos introduz numa outra forma de ver Deus e na forma de compreender as limitações humanas, os erros, as fragilidades, agressividades, vinganças, infidelidades. É um convite a aumentar o leque de compreensão do que acontece. Refletir sobre a misericórdia vai acelerar maior objetivação da realidade humana, aproximando-a da intenção original de imagem e semelhança de Deus. Esta abordagem vai mudar também a compreensão e a missão da Igreja, como a depositária da presença de Deus e de Jesus Cristo no mundo.

2. Compreendendo a experiência existencial da misericórdia

A misericórdia decorre de uma forma de compreensão do ser humano. Requer incluir o limite e também uma postura diante das ações e intenções próprias e dos demais. A misericórdia inclui uma relação. E esta relação precisa de algum conteúdo positivo. Na própria construção da palavra está o coração. Quem pode ter misericórdia? Aquele que está animado pelo amor. Quando alguém ama e vê o bem acontecendo, ele se alegra. A Igreja usa expressões como 'aleluia' ou correspondentes quando fala e reconhece a salvação acontecendo. É que a Igreja parte de uma visão salvífica e de amor. Isso se pode verificar na liturgia, sobretudo a do tempo pascal. Misericórdia decorre daquele – pessoa ou instituição – que está animado pelo amor e vê o desamor – momentâneo em ações, ou como atitude – nos demais, sejam eles pessoas ou grupos. Então, nasce um sentimento de 'dor', de 'pena', de 'compaixão', de misericórdia, que inclui um desejo amoroso e respeitoso que a pessoa deixe de se ferir e aos demais e tenha uma experiência boa e supere seu 'mal', seus limites. A misericórdia é uma atitude estável de acolhida aos que não conseguem ser suficientemente bons. Ela se beneficia com uma ampla compreensão das motivações e 'condicionamentos' do agir. Certamente este aspecto da compreensão praticamente não é citado diretamente. Deus compreende os corações e as intenções profundas. Por isso ele – como amor total – é totalmente misericordioso.

Nossa misericórdia vai depender bastante de nossa capacidade de amar e de nossa capacidade de compreender aos demais, em suas dificuldades, condicionamentos, intenções profundas, sofrimentos, falta de liberdade efetiva. Compaixão por compaixão sem compreender as motivações profundas do agir pode levar a alguma decepção em se tratando da expectativa de resultados positivos.

3. Como o Papa fala da misericórdia

O papa coloca a misericórdia no centro de sua Bula do Jubileu da Misericórdia. Usa a palavra 'misericórdia' e/ou 'misericordioso' mais de 160 vezes, e liga-a quase sempre ao amor e a uma consequência que é o perdão. Não explica muito o termo e o considera compreendido. Vimos acima que se trata de uma atitude de acolhida, compre-

ensão, solidariedade, aceitação daqueles que não sabem amar o suficiente. Por isso, como o Papa afirma, todos nós precisamos de misericórdia. Porque em nossa constituição temos o amor e também o desamor. Nossa área de desamor precisa de misericórdia. O Papa chama várias vezes este desamor de pecado.

Em vez de julgamento e condenação, o Papa insiste na necessidade da misericórdia como expressão da Igreja, como uma de suas principais expressões. Nisso ela se inspira em Deus Pai – sobretudo no Antigo Testamento – e em Jesus Cristo.

A misericórdia é fonte de alegria, de serenidade e de paz. É condição para nossa salvação. Misericórdia é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia é o ato último e supremo com o qual Deus vem a nosso encontro. Misericórdia é a lei fundamental que habita no coração de cada pessoa quando olha com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia é a vida que une Deus e o homem, porque abre o coração à esperança de ser amados sem levar em consideração o limite de nosso pecado. (Rosto da Misericórdia, 2)

Para que este tema tenha suficiente espaço e não seja dominado pela introdução histórica de aspectos feridos e egoístas do coração humano, convém que de tempos em tempos se assuma este tema e transforme a misericórdia numa realidade cristã onde estamos vivendo. Por isso ‘anunciei um *Jubileu Extraordinário da Misericórdia*’ (RM 3). O Papa recorda que não é um tema novo. Recorda o tema como está presente no Antigo Testamento (RM 6-7). Dedicar bom tempo para mostrar como Jesus é a Misericórdia do Pai para a humanidade (RM 7.8.9) através de sua sensibilidade, cura, atenção aos pobres, em seus ensinamentos, parábolas da misericórdia. Seremos julgados pela qualidade de nossa misericórdia. O Papa recorda as obras de misericórdia corporais e espirituais (**corporais**: dar de comer aos que têm fome, dar de beber aos que têm sede, vestir os nus, acolher o forasteiro, assistir os enfermos, visitar os encarcerados, enterrar os mortos; **espirituais**: dar conselho ao que necessita, ensinar ao que não sabe, corrigir os que erram, consolar os tristes, perdoar as ofensas, suportar com paciência os defeitos do próximo, rogar a Deus pelos vivos e defuntos. RM 15). A questão da misericórdia esteve presente na Igreja enquanto depositária do modo de ser e da doutrina de Jesus Cristo. “Com os olhos fixos em Jesus e em seu rosto misericordioso podemos perceber

o amor da Santíssima Trindade” (RM, 8). Já no discurso inaugural do Concílio Vat II, São João XXIII, entre outras coisas diz que a Igreja ‘quer mostrar-se mãe amável de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e de bondade para com os filhos separados dela’. E na conclusão do Concílio, o Beato Paulo VI repete algo parecido: “A Igreja é enviada ao mundo não para fazer diagnósticos deprimentes, mas para indicar remédios alentadores, cheios de esperança (...) Toda esta riqueza do Concílio vai numa única direção: servir ao homem, em todas as suas condições, suas debilidades, suas necessidades”. A isso se soma a surpreendente encíclica de São João Paulo II, *Dives in misericórdia*”. Assim, o Papa ressalta a importância da misericórdia para hoje, especialmente diante de tantas situações sofridas. “A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus”. Lucas 6,36, coloca a misericórdia como uma das características centrais de Deus: *Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso*. Portanto, “a misericórdia é a viga mestra que sustenta a vida da Igreja” (RM 10)

4. Misericórdia, justiça, perdão

A misericórdia é uma atitude de acolhida, aceitação de alguém ou de suas ações quando está presente o amor naquele que acolhe e não o vê suficiente naquele que é frágil. Todos já ouvimos falar da diferença entre justiça e perdão. Mas talvez seja útil considerar que a justiça é o máximo ideal social (segundo a qual cada um recebe o que merece) e a caridade é o máximo ideal espiritual, religioso, moral (segundo a qual cada um recebe segundo tem necessidade). A justiça se orienta muito segundo uma lei que precisa ser observada. A infração de uma lei leva a castigos, a punições. A lei se baseia nas provas sobre a ação, mas não considera o suficiente as motivações, os condicionamentos. Dali sua ambiguidade para a realidade ampla da experiência humana. O Papa fala da relação entre justiça e misericórdia (RM 20.21), mas coloca a noção de justiça no sentido bíblico, ou seja, realizar a vontade de Deus. Para superar a visão muito judicial de justiça, Jesus ligou tudo à fé. O legalismo, o julgamento, a interpretação apressada e parcial pode se distanciar da verdadeira justiça. Para melhor compreender o tema da justiça, convém recordar as contribuições de John Rawells (*Uma Teoria da Justiça*) e de Paul Ricoeur (*O Justo*, em dois volumes). A misericórdia é uma atitude que considera também as motivações daquele que age e não apenas a ação em si,

pois – como dissemos – ela vem de alguém capaz de amar e de compreender as intenções profundas.

Há casos em que não há justificativas aceitáveis frente a leis infringidas. Uma boa compreensão ampla pode ativar a misericórdia e encaminhar o perdão. O ‘perdão é difícil, mas não impossível’ diz Paul Ricoeur. Isso porque há uma desproporção entre o que pede (está abaixo) e o que dá, que está acima. E por isso pode acontecer que aquele que pede pode ouvir uma possível dupla resposta: “eu te perdoo” ou “eu não te perdoo”. Por parte de Deus, que é amor total, que conhece o interior de cada pessoa, vale o que se fala da Misericórdia: Deus perdoo sempre. A própria palavra inclui a capacidade de dar: *perdom*. É um dom que decorre do amor.

A justiça é plenamente realizada na misericórdia, e o perdão é o final de um processo que é precedido pelo conhecimento dos fatos, da compreensão dos mesmos, das intencionalidades e de processos de reconciliação. Disso resultará uma memória pacificada e feliz, uma experiência de salvação.

5. Misericórdia e modelo de Igreja

Todos nós temos memória de imagens de Deus que eram muito julgadoras, castigadoras, vingativas. Estas imagens se estenderam aos processos educativos e morais das religiões, das famílias. Mas isso nunca retratou quem Deus é. Sabemo-lo melhor agora a partir de Jesus Cristo e de tantas outras pessoas. Deus é amor. A Igreja continuou por muito tempo o modelo julgador, avaliador. Detinha os critérios de salvação e condenação. O Concílio Vat II tentou mudar esta visão de Igreja, mas agora estamos compreendendo isso melhor e assumindo a compreensão de Igreja a partir da misericórdia, da compreensão, da acolhida, do respeito, da ajuda e da cura. Muitos fatores facilitaram isso, tanto intra como extra Igreja. Em vez de insistir em ‘sede perfeitos como vosso Pai do céu é perfeito’ que incentivou o modelo da perfeição, estamos nos orientando mais pelo “sede misericordiosos como vosso Pai do céu é misericordioso”. Esta visão acentua novo modelo de Igreja. Papa Francisco tem contribuído bastante em fortalecer esta visão de Igreja. Todo julgamento, toda rigidez da lei se origina muitas vezes de corações mal-amados que o estendem como modelo a instituições. Numa palavra, estamos numa época de mudança de visão de

mundo, e também da Igreja. Precisamos alegrar-nos com isso. Este modelo é beneficiado com nossa satisfação de viver e amar, com outros e em instituições justas que promovem a vida.

6. Questões práticas

Um ano jubilar prevê vários aspectos práticos. A Bula do Jubileu prevê várias delas, e podemos nos dispor para nos colocar neste movimento da Igreja. É um ano jubilar sobre a misericórdia com data precisa de início (festa da Imaculada Conceição de Maria, 8 de dezembro de 2015) e de término (Festa de Cristo Rei, 20 de novembro de 2016). O Papa fundamenta a escolha destas datas. Durante este tempo se abrem as portas santas de várias basílicas com uma finalidade de misericórdia, meditar textos do Antigo e do Novo Testamentos ligados à misericórdia. Convém aproveitar o tempo do Advento e da Quaresma para viver mais a misericórdia. O Papa convida a todos, especialmente aos bispos, a criar iniciativas sobre o tema. Fala também de peregrinações e inclui a nomeação de ‘missionários da misericórdia’, padres que serão enviados pelo mundo para serem presença de misericórdia. Há incentivo para que pessoas e organizações ao redor do mal, violência, corrupção... deixem este tipo de vida e experimentem a alegria de serem mais como Jesus. Deve motivar o pensamento e compreensão das pessoas, famílias e grupos atingidos por diferentes formas violência.

7. E nós?

Creio que nós podemos aprender bastante do tema. Infelizmente, muitas vezes pessoas e instituições não manejam suficiente vigilância sobre alguns temas humanos fundamentais, um dos quais é a misericórdia. Nós Irmãos temos situações e experiências não reconciliadas. Aguçamos e apressamos julgamentos e interpretações. Também nós podemos melhorar a compreensão de nós e dos coirmãos, ver que no fundo todos queremos ser melhores. Partilhar mais a vida e as motivações é uma forma inicial de misericórdia. Para ter misericórdia é preciso saber amar e compreender os demais, sobretudo os fracos. Nossas comunidades religiosas e educativas podem encontrar formas concretas e significativas de se associar à Igreja e ao mundo que quer ser mais misericordioso.

Misericórdia é uma atitude cristã nunca plenamente vivida. Mas ela nos aproxima de Deus e nos permite conhecê-lo melhor e a Jesus Cristo. Há muito sofrimento no mundo ele pode ser diminuído com nossos corações mais acolhedores, compreensivos, misericordiosos.